

Direitos Humanos

JORNAL DO BRASIL

14 AGO 1996

Chegou a vez de São Paulo. A cidade está em estado de choque com a explosão de violência e a sensação de insegurança que toma conta de suas ruas. Os números indicam preocupante agravamento da criminalidade: os homicídios aumentaram 99% nos últimos dez anos; os assaltos cresceram, de janeiro a junho de 1996, 22,3% em relação ao mesmo período do ano passado. Só no último fim de semana, 46 pessoas foram mortas na capital paulista. É uma escalada.

O que mais aterrorizou desta vez são a extrema violência e a absurda gratuidade da ação dos criminosos. Dois casos estarreceram os paulistanos: na madrugada de sábado, o frio assassinato da estudante de Odontologia, Adriana Ciola, de 23 anos, e do dentista José Renato Pousada Tahan, de 25 anos, durante um assalto numa choperia. No dia seguinte, o homicídio com um tiro no rosto de Rodrigo Fabiano Iandoli, de 21 anos, quando procurava se afastar em seu carro ao ver que três suspeitos se aproximavam.

Eram três jovens corretos, estudiosos, promissores, honestos. Adriana iria em setembro a um congresso de odontologia, nos Estados Unidos. José Renato viajaria pela primeira vez à Europa no mês que vem. Rodrigo começaria na segunda-feira o curso de Direito e o primeiro emprego. Todos ceifados pela selvageria de alguns drogados desalmados. O clima da família foi com-

preensivelmente de revolta e condenação de uma polícia mais eficaz para controlar placas de carro no revezamento anti-poluição, do que proteger a juventude.

Fala-se muito em direitos humanos. Mas onde, os direitos humanos das famílias Ciola, Tahan e Iandoli? Onde os protestos das virtuosas ONGs? A indignação dos militantes pacifistas? Por que a imprensa estrangeira não se interessa pelo assunto? Por que as comunidades de base, os partidos populistas e as ligas de defesa dos direitos humanos não esbravejam contra o escândalo?

É preciso urgentemente atualizar os códigos brasileiros, velhos de mais de quatro décadas, mais condizentes com sociedades patriarcais e pré-industriais do que com megalópoles marcadas pelo desenraizamento, o desemprego, o *crack*, a cola, as armas pesadas, a insensibilidade cotidiana. É necessário abandonar a perigosa leniência com "menores" de 17 anos, que estupram, roubam e matam por um nada, em seguida voltam às ruas depois de cumprirem penas absurdamente reduzidas por uma Lei de Execuções Penais indulgente.

A sociedade brasileira precisa urgentemente de leis atualizadas, de policiais decididos e civilizados, de uma ampla discussão sobre os direitos humanos de quem morre por ter cometido o erro de ser jovem, correto, honesto e promissor. Atenção Congresso.